

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Precos da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º	14.º ANNO — VOLUME XIV — N.º 450	REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	à entrega		
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	21 DE JUNHO DE 1891	LISBOA L. DO POÇO NOVO, ESTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	—	—		
Estrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Escrevo esta chronica precisamente na vespera das duas primeiras novidades theatraes da actual epoca de verão, e isso embaraça-me um pouquinho porque contava com essas duas novidades para principal assumpto, muito menos pela importancia artistica que ellas por ventura tenham do que pela escacez completa de assumptos com que se apresentou este anno o meado do mez de junho.

Onde ha algumas novidades é no mundo politico; mas alem de eu não gostar inteiramente nada de viajar por esse mundo, as novidades que por lá ha não são d'uma novidade tão original que me obrigue a vencer a minha repugnancia a essa viagem.

A approvaçào do tratado com a Inglaterra foi uma d'essas taes novidades, e a verdade é que essa approvaçào não foi novidade para ninguem porque toda a gente sabia que esse tratado fosse qual fosse, seria approved agora, do mesmo modo que ha coisa de um anno se sabia tambem que elle não seria votado fosse qual fosse tambem.

A outra novidade da politica é a apresentaçào da lei de meios o plano de economias e moralidade, que o governo apresentou na camara, o seu programma de vida nova.

Não pecca tambem pela originalidade esse caso, porque planos de economias e de moralidade não são de modo nenhum uma novidade na politica portugueza.

Novidade grande e original seria a de um governo que se apresentasse a declarar em côrtes que ia gastar a larga e atirar com o dinheiro ás mãos cheias pelas janellas fóra.

Fazel-o não era com certeza novidade nenhuma mas dizel-o seria profundamente original e novo.

Agora dizer o contrario, dizer que se vae inaugurar uma epoca de economias profundas e radicacs é uma das banalidades mais banaes da

nossa politica e se os echos do parlamento fossem papagaios com certeza que passariam de ha muito tempo a sua vida a papaguear esses programmas de vida nova, com que ha um bom par d'annos todos os governos que se teem succedido no nosso paiz, tem feito em camaras a sua apresentaçào.

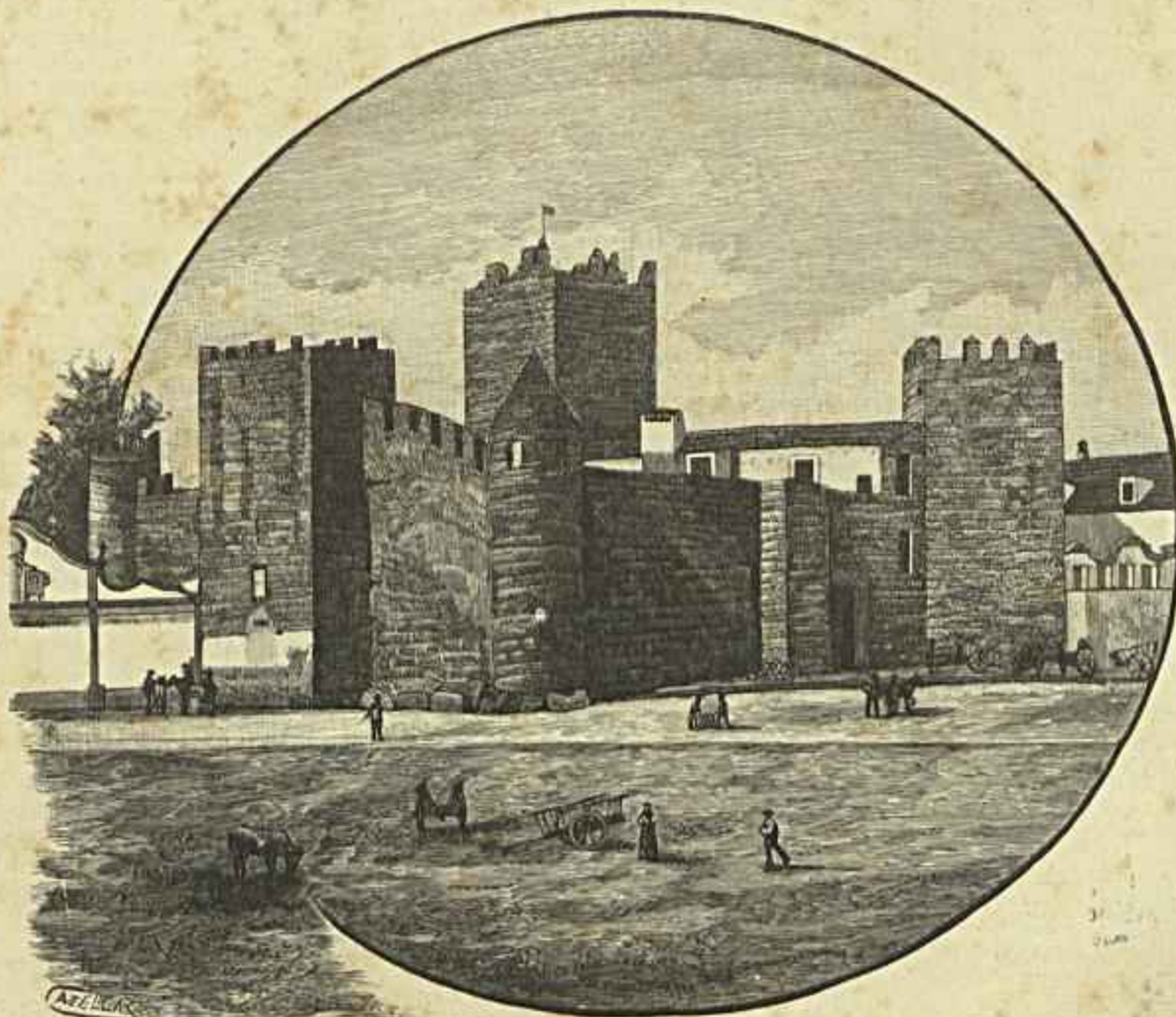
Entretanto o actual ministerio tem uma maneira de ser profundamente original, de assignalar a sua passagem pelo poder com uma novidade de primeira ordem e essa maneira vem a ser, cumprir o seu programma e fazer essas economias, mas fazel-as sem *poeira*, fazel-as de *cima a baixo*, sem as contemplaçõe e as excepçõe que tem tomado estes planos de economias, indifferentes para muitos odiosos para alguns.

Se tal fizer entào sim, entào o governo terá feito uma novidade e nos seremos dos primeiros a applaudil-o.

Veremos ?

Oxalá que sim.

A' ultima hora quando imaginava-mos que não



CASTELLO DE ALTER DO CHÃO

(Segundo uma photographia do photographo amator sr. Luiz Cordeiro Godinho)

teríamos outro remedio senão mettermo nos no ensaio da *Gran-duquesa de Gerolstein*, a novidade do theatro da Avenida e no ensaio geral do *Sonho de Ventura* a novidade do theatro do Gymnasio no verão para arranjarmos assumpto para a nossa chronica, apparecem-nos ao mesmo tempo quatro novidades, uma triste uma outra um bocadinho assustadora, outra eminentemente comica e finalmente outra de grande importancia litteraria a darem-nos que fazer.

A tristissima é a morte repentina d'um grande medico, d'um illustre professor da Universidade de Coimbra e que ha poucos annos estabelecido na nossa cidade, grangeára logo grande fama e larga clientela: — o dr. Lourenço d'Azevedo.

O dr. Lourenço d'Azevedo era uma d'essas altas summidades medicas para quem se appella sempre nas doenças extremamente graves, nos casos perigosos senão desesperados, era um d'esses medicos de suprema instancia, como em todos os paizes ha sempre tres ou quatro.

Muito considerado pelos seus collegas pelos seus profundos conhecimentos scientificos e larga practica clinica, muito afamado entre os profanos pelas tradições, que corriam das suas milagrosas curas, o dr. Lourenço d'Azevedo tinha muito que fazer em Lisboa e era um dos medicos mais procurados tanto pela clinica particular como pelos serviços de saúde officiaes, para que o governo o chamava sempre n'estes ultimos annos, como uma das capacidades medicas mais provadas e reconhecidas.

Desde que o dr. Lourenço d'Azevedo assentou em Lisboa a sua residencia até hoje é com certeza rara a commissão official de medicina, ou a conferencia medica, particular de certa importancia em que não appareça o seu nome, e mesmo de fóra de Lisboa o illustre medico era a cada momento chamado com muita instancia para os casos difficeis e perigosos.

E em muitos d'esses casos a sciencia do illustre clinico, o seu magnifico olho medico, e o seu abalissado e seguro conselho fizeram o milagre que se reputava impossivel e d'ahi a fama dia para dia crescente do dr. Lourenço d'Azevedo, a confiança illimitada que n'elle depositavam todos os enfermos que o conheciam.

O dr. Lourenço d'Azevedo não era muito novo já, mas não era um velho.

De apparencia forte, robusta, aturando sem descação uma vida muito trabalhosa, uma clinica enorme, a sua morte repentina e inesperada surpreendeu tristemente todos quantos o conheciam.

Foi no dia 18 que elle expirou. Andara todo o dia a ver doentes, e até por signal estivera n'um hotel a ver um doente de enfermidade um pouco suspeita — o nosso segundo assumpto — Recolhera á tarde a casa, sentara-se á meza para jantar quando de repente foi atacado por uma grande hemorragia seguida de perto por uma paralyxia parcial.

Chamado immediatamente um medico, o sr. dr. Monperrin Santos, quiz este, attenta a gravidade enorme do mal, sangrar o.

O dr. Lourenço d'Azevedo oppoz-se a isso segundo contaram os jornaes, allegando que o seu estado de fraqueza não lhe permittia soffrer perdas de sangue: a paralyxia sabiu rapidamente e d'ali a nada o illustre medico era cadaver, expirava conhecendo perfeitamente o seu estado, sentindo a morte que se aproximava implacavel, fatal.

Dissémos que um doente que o Dr. Lourenço de Azevedo vira no proprio dia da sua morte era o segundo assumpto a que nos referimos no principio da nossa chronica, o tal assumpto um bocadinho assustador, assim é.

Esse doente viera do Lazareto na vespera e viera já com uma febre violenta que aos medicos do Lazareto não apresentara symptoma algum de doença suspeita.

Não foi essa a opinião do dr. Lourenço d'Azevedo ao ver o doente e tanto que, preocupado com os symptomas da enfermidade, requereu logo conferencia.

Foi chamado o sr. dr. Mattos Chaves para juntamente com o illustre clinico examinar o doente, mas o sr. dr. Mattos Chaves foi de opinião contraria, segundo dizem os jornaes, resolvendo entreando os dois medicos que o doente fosse isolado como medida preventiva.

Fallecido o dr. Lourenço de Azevedo foi n'essa mesma noite chamado o sr. dr. Ayres de Ornellas para ver o doente e este distincto medico teve a respeito d'elle as mesmas apprehensões do dr. Lourenço, de que se tratava de molestia suspeita

e contagiosa, e communicado o caso á policia, n'essa mesma noite o doente e as pessoas que o tratavam ficaram isoladas.

A noticia correu rapidamente pela cidade causando certa sensação, mas não havendo motivos para sustos pelas providencias tomadas promptamente e por estar o caso submettido á vigilancia de medicos distinctos como são os drs. Mattos Chaves e Ayres Ornellas, e a um funcionario tão intelligente, tão zeloso, e tão habil como é o sr. dr. Pedroso de Lima, o commissario da 2.ª divisão policial.

Vamos agora ao caso comico.

Deu-se n'um terceiro andar da rua de S. Julião e começando como um dos mais tetricos capitulos de Xavier de Montepin, acabou como um dos desopillantes romances de Paulo de Kock.

Eis o principio que é de arrepiar os cabellos e nos transporta do terceiro andar da rua de S. Julião aos subterraneos mysteriosos de Anna Radcliff.

No dia 17, em pleno dia, como não apparecesse o inquilino d'esse tal 3.º andar arrombou-se a porta da casa, e o desgraçado foi encontrado estendido no chão, amordaçado com um lenço cheio de nodos de sangue! (horror!)

Na casa havia indicios de lucta gigantesca; e as gavetas de varios moveis abertas e revolvidas denunciavam a passagem por ali de uma horda de salteadores. Chamada a policia interrogou o homem amordaçado, depois de lhe ter tirado a mordada é claro, mas o homem, apesar de desamordaçado, moita! nem palavra a todas as perguntas da auctoridade!

Intrigada com esse mutismo, a auctoridade observou então mais de perto o homem — estava desmaiado: perdura os sentidos e por isso nem pio, coitado!

Levado o homem para o hospital, a policia começou á procura dos fascinoras, dos salteadores, mas depois de procurar por todos os lados e depois de interrogar a victima ferrou com a propria victima no *estarem!*

Agora a explicação d'este acto de justiça de mouro: porque a policia ainda em cima do homem ter sido roubado, amordaçado, espancado, fez com que elle fosse engaiolado?

Por uma razão muito simples, porque descobriu que elle se espancára e amordaçára a si proprio, o que com certeza não é crime, porque uma pessoa está no seu pleno direito de se amordaçar quantas vezes quizer, mas que não se roubava a si proprio, porque fingindo-se roubado não era a si que se roubava mas sim a um terceiro que se não commoveu com o romance *d' sensation* com que o seu credor o quiz obsequiar.

E para fechar a chronica a ultima noticia, a noticia litteraria.

Sabemos que foi hoje dezenove, posto á venda nos livreiros o romance, *O barão d' Lavos*, original do nosso presado amigo e illustre escriptor Abel Accacio Botelho. Conhecemos o assumpto do romance e conhecemos o talento notabilissimo de Abel Accacio tão brillantemente affirmado na *Juocunda* e na *Claudio*, duas peças de grande merecimento de que aqui fallámos largamente quando se representaram no theatro Jo Gymnasio e no theatro do Principe Real, e por isso apesar de não termos ainda lido a nova obra de Abel Accacio, saudamos o seu apparecimento como um acontecimento litterario de primeira ordem, como o é sempre, em toda a parte a publicação d'uma obra nova d'um escriptor do alto merecimento de Abel Accacio.

Gervasio Lobato.

UMA RECITA EM HONRA DE GERVASIO LOBATO

A festa foi a 29 do mez passado, mas nós ainda agora vamos fallar d'ella.

Mais feliz que Santo Amaro, a quem festejam na vespera do seu dia e as pessoas que chegam no dia seguinte não vêem já vestigios de festa, Gervasio Lobato tem ainda hoje quem venha fallar da sua recita, como se acabasse de assistir a ella, com a memoria tão fresca, tão lepida, como só a pode ter quem vem de assistir á representação da *Em boa hora o diga*, com o figado desopilado e o espirito alegre, depois de ter abraçado

do Gervasio Lobato, no meio das ovações de um publico entusiasmado e sobre uma chuva de rosas de Paulo Plantier a innundar o palco e a perfumar o ambiente com o seu aroma festivo.

Tudo isto lá houve e á farta; flores, ovações, abraços, brindes, alegria, uma festa, mas uma festa de amigos, de admiradores, que são todos que conhecem Gervasio Lobato, que apreciam o seu talento, que estimam o seu character como se estimam as joias, que admiram as qualidades do artista e do homem que se completam e formam aquelle espirito alegre e coração bom, fazendo a felicidade do lar, e tendo ainda para repartir com os outros, nas horas alegres que lhes dá com a leitura dos seus escriptos ou com a representação das suas comedias.

E quer n'uma quer n'outra o seu reportorio e numeroso, sem velumbres de canção, cada vez mais vivo, mais novo, mais imprevisto, abarrotando de graça, de uma graça inesgotavel, que se multiplica de peça para peça, sem se reproduzir, sendo um verdadeiro desespero para os confrontos, debique que tem por cá muitos apaixonados.

Pois esses apaixonados não tem nada que fazer com as peças de Gervasio Lobato. Houve quem dissesse que a *Em boa hora o diga*, é inferior ao *Commissario de Policia*, mas o que é verdade é não ser nem inferior nem superior; é simplesmente uma comedia, extremamente engraçada, em que se encontra um bom par de ridiculos bem observados e bem aproveitados, sem ponto nenhum de contacto com outras produções do mesmo auctor, e para que? se a seara é tão farta e tem tanto que mondar.

Oh! os ridiculos dão de sobra para milhares de comedias, e são elles todos juntos que constituem a grande comedia da vida.

O grande segadoiro que os hade ceifar de todo, ainda não esta inventado, e Gervasio Lobato vai aproveitando os bem, sem fel, com extrema arte scenica, fabricando quando muito aquellas carapuças de que nos falla Faustino Xavier de Novaes.

Mas da festa é que nós pretendemos fallar, e ella justifica o valor da obra, porque o publico assistindo aquella recita assistiu á 15.ª representação da peça, o que era já um triumpho para o seu auctor, se elle não tivesse outras peças com centenas de representações e a *Em boa hora o diga* se não achasse com forças de chegar a idade das manas, tão gaiteira como ellas.

Se ha mais tempo as emprezas theatraes tivessem feito o que a empreza do theatro do Gymnasio principiou a fazer o anno passado, reservando uma recita para o auctor ao fim de um certo numero de representações da mesma peça, teriamos tido que registrar muitas festas em honra de Gervasio Lobato, e os seus amigos já se dariam á perros para achar modo de lhe fazer agradaveis surpresas, nas noites d'essas festas.

D'esta vez matutamos um bocado sobre o que se havia de fazer.

Houve varios alvitres mais ou menos exequiveis d'entro do tempo de que se dispunha.

— E se cada um fizesse a sua caricatura, n'um album que todos lhe offerecesse-mos, lembrava Pedrozo Lima.

Bordallo apoiava, pela mesma razão que o infante D. Pedro obrigava os maltezes a coerem a colher de chifre com que comeram a assorda a que D. Pedro arranchara com a sua colher de codoa de pão, impondo no fim a cada um o comer a colher principiando por elle.

— Mas eu não sei desenhar, atalhava um, e logo outro e um terceiro e quarto, e por fim o proprio que fóra da lembrança.

— O melhor é offerecermos-lhe um grupo de nós todos, alvitrou não sei qual.

— Mas isso estará já rompido até amanhã á noite? Observou judiciosamente um de nós.

— O Bobone é que o hade dizer, lembrou ainda Pedrozo de Lima.

— Pois vamos ao Bobone.

E dito e feito, fomos todos ao atelier photographico do Bobone.

Para um artista como Augusto Bobone não ha impossiveis. Chegámos, photographamos nos, e ao fim de vinte e quatro horas, tinhamos em nosso poder a bella photographia que vae reproduzida em ponto menor, na gravura da 4.ª pagina.

Nem d'outro modo poderíamos offerecer a Gervasio Lobato, na noite da sua festa, a que assistio a familia real e a melhor sociedade de Lisboa, os nossos retratos n'um grupo muito grave, firmado com as nossas assignaturas e de posto nas suas mãos, com os nossos abraços da mais bella amizade e preito ao homem e ao artista.

E eis que nos achamos chronistas d'este facto memoravel.

Caetano Alberto.

AS NOSSAS GRAVURAS

CASTELLO DE ALTER DO CHÃO

Na vasta colleção de castellos de Portugal que temos reproduzido em gravura, nas paginas do OCCIDENTE, como outros tantos documentos da velha historia que assim vamos archivando, figura hoje o castello de Alter do Chão, que reproduzimos de uma bella photographia que nos foi offerecida pelo sr. Luiz Cordeiro Godinho, amator photographico, que apresenta provas muito apreciaveis do seu bom gosto artistico.

O castello de Alter do Chão, diz Pinho Leal, no seu *Diccionario de Portugal Antigo e Moderno*, que foi mandado construir por D. Pedro I, o qual assistiu a parte da sua edificação, que concluiu a 22 de setembro de 1359.

Este castello foi por muitos annos defeza da villa, que no tempo dos romanos fôra cidade importante sobre o nome de *Abelterium*, *Elteri* ou *Elteri*.

Passava então por esta cidade a via militar romana que seguia de Lisboa a Merida.

Foi em 1216 que D. Affonso II fundou as villas de Alter do Chão e Pedroso, no mesmo sitio onde existira a *Elteri* dos romanos, e que então já fôra abandonada pelos arabes seus ultimos habitantes antes dos portuguezes.

Não nos falta a historia de nenhum grande feito praticado no castello de Alter do Chão, e por isso a sua ruina mais vem do tempo que dos estragos das guerras.

Hoje este castello é propriedade particular, e o seu possuidor conserva-o como uma reliquia do passado, tendo-lhe feito alguns reparos sem lhe tirar o cunho da antiguidade.

Alter do Chão é uma villa importante do Alentejo, pertencente ao districto de Portalegre. O seu principal commercio são cereaes, palhas e lãs.

Muito bem situada em terreno elevado, é das mais pittorescas povoações d'esta provincia,

ANTONIO ENNES

COMMISSARIO REGIO EM MOÇAMBIQUE

O *Diario do Governo* do dia 19 do corrente, publicou um decreto nomeando o sr. Antonio Ennes para o cargo de commissario regio na provincia de Moçambique, para proceder á execução do tratado anglo-portuguez, com respeito á delimitação das nossas fronteiras n'aquella provincia, e mais condições do referido tratado, segundo as instrucções dadas pelos srs. ministro da marinha e dos estrangeiros.

Não podia recahir esta nomeação em funcionario mais competente que o sr. Antonio Ennes, ex-ministro da marinha e ultramar, e que collaborou, portanto, activamente nas negociações que levaram a cabo o novo tratado.

O conhecimento que o sr. Antonio Ennes tem hoje d'esta questão, a sua intelligencia e desejo de bem servir a patria, são predicados que o recomendavam n'este momento para a difficil commissão que vae desempenhar.

Não são isto simples phrases banaes ou de cliché, que a cortezia ou complasencia faz muitas vezes dizer, a respeito de qualquer nomeado; ocioso é até dizel-o, tratando se do sr. Antonio Ennes, cuja vida politica é bem conhecida, assim como o seu talento, pelo qual tem conquistado os mais altos cargos da governação.

Estão bem na memoria de todos, os seus triumphos litterarios, ninguem terá esquecido a sua penna de jornalista, que fez, por assim dizermos, de um dia para o outro um jornal como *O Dia*, procurado e lido com uma popularidade que muitos não alcançam o fim de grande numero de annos, e como elle n'esse jornal conquistou, pelos seus escriptos, a pasta de ministro da marinha que occupou no ultimo gabinete demissionario.

A sua gerencia na pasta da marinha foi das gerencias mais difficis que este ramo da administração publica tem tido.

Foi uma lucta constante, sem treguas, atravez d'um periodo anormal, em que se accumularam difficuldades sobre difficuldades, que fariam vacillar o mais experimentado, mas que elle, novo na empresa, soube vencer com animo e energia, organisando em poucos dias a expedição militar a Moçambique, providenciando sobre os acontecimentos da ilha de S. Thomé, da Guiné e do Bihe

com uma presteza pouco em uso nas coisas officias.

O sr. Antonio Ennes alia aos seus louros de litterato e jornalista a gloria de ser ministro da marinha em uma epoca tão critica e sabir da refrega ilezo e triumphador com a consciencia de ter feito tudo quanto podia fazer dentro dos elementos de que dispunha.

E' por tudo isto que a sua nomeação para o espinhoso cargo que vae desempenhar em Moçambique, foi hem recebida por todos que confiam plenamente na sua grande intelligencia e provado patriotismo.

O sr. Antonio Ennes parte hoje no paquete da Mala Real, para Moçambique a desempenhar-se da commissão para que acaba de ser nomeado, e até n'esta rapida partida, para que fôra nomeado dois dias antes, mostra quanto anda fôra dos habitos, d'esta boa sociedade portugueza.

Para coadjuvar o sr. Antonio Ennes n'esta commissão, foi tambem nomeado o sr. Dantas Barracho, que deverá partir em um dos paquetes proximos para Moçambique.

Esta viagem do sr. Ennes á vasta provincia de Moçambique tem a vantagem, alem do fim especial a que é destinada, de o fazer conhecer de perto aquella importante possessão, com o que muito aproveitará o paiz e o ex-ministro da marinha quando um dia seja chamado de novo a dirigir esta pasta.

INSTITUIÇÕES SOCIAES
PORTUGUEZAS

XI

(Conclusão)

BANCO DE PORTUGAL

Parece nos que não será do desagrado do leitor para melhor completarmos este artigo, fazermos uma brevissima descripção historica do antigo edificio onde, em 1821, foi installado o Banco de Portugal, bem como da casa que o mesmo banco adquiriu posteriormente ao incendio occorrido na noute de 19 de novembro de 1863.

E' o que, envidando todos as nossas forças vamos dizer, em breves linhas, para não alongarmos mais este artigo.

O Banco de Lisboa logo depois da sua fundação, em 1821, foi estabelecido na parte fronteira do grande edificio da camara municipal, palacio feito em 1770-1774, pelo risco do architecto Eugenio dos Santos Carvalho.

Esse edificio que occupava um enorme quadrilongo entre as ruas do Arsenal e rua Nova d'El-rei (vulgô rua dos Capellistas) a entestar com a rua Aurea, tendo a fachada da frente para o largo do Pelourinho, era solidamente construido com magnificas madeiras do Brazil, occupava a area de 86^m, 46 de comprimento por 43^m, 12 de largura, tinha de altura 16^m, 75 e havia importado em 121:090\$271 reis. A camara municipal, não sabemos porque razão, tinha reservada para si a parte do edificio que dava para a rua do Arsenal e Terreiro do Paço, fazendo a entrada para repartições pelo portão de ferro que se acha debaixo da arcada e que hoje dá ingresso para a secretaria do ministerio do reino. Ao Banco havia ella alugado a parte dianteira do edificio, que dava para o largo do Pelourinho. Essa fachada era composta de tres corpos; o corpo central, era occupado por um grande portão de ferro que dava ingresso para o pateo — um pateo magnifico para onde entravam as carruagens. — Por cima achava-se a grande sacada do salão nobre, muito semelhante áquella que hoje se vê sobre o Arco de Bandeira do lado do Rocio.

Como remate ao corpo central havia um pequeno frontão de cantaria, ao centro do qual o escudo das armas reaes portuguezas; no vertice a esphera armilar e sobre os angulos lateraes duas urnas de pedra artisticamente cinzeladas.

Cada um dos corpos lateraes tinha quatro andares com 17 janellas de cada lado; ao todo 34, sendo dez de sacada, no primeiro pavimento, e vinte de peitoril, que formavam o segundo e terceiro pisos; e as quatro mansardas, duas de cada lado.

Ao rez do chão as casas fortes onde se guardavam os valores do banco.

As salas, tanto no primeiro como no segundo piso, eram bastante espaçosas e muito apropriadas aos serviços bancarios. Forradas de magni-

ficos pannos de *arrãz*, rasgadas por grande numero de janellas que as inundavam de luz e ar olhando umas para o largo, outras para a rua do Arsenal, essas salas davam não só excellentes accommodações ao movimento do banco, mas tambem a outras repartições, e designadamente á administração do contracto do tabaco, junta de juro etc.

Nas outras dependencias do edificio achavam-se installadas as companhias das Lezirias do Tejo e Sado, seguros Fidelidade etc.

Separadas por um estreito saguão, que corria ao longo, este a oeste, havia os predios dos srs. duque de Palmella, baroneza da Folgoza e Santos Vahia, foreiros á camara municipal.

Rebentando subitamente, devido a causas que até hoje ficaram estranhas, o pavoroso incendio, na memoravel noite de 19 de novembro de 1863 que destruiu quasi todo o quarteirão de edificios no grande quadrilongo, que vimos de mencionar, o banco de Portugal não foi poupado por esse voraz incendio, que reduziu a cinzas em poucas horas valores enormes, calculados em mais de trezentos contos.

Felizmente para o Banco de Portugal — e por conseguinte para a nação — o fogo não pde penetrar nas casas fortes do edificio onde se achavam guardados — segundo o relatório — não menos de 25:000 contos em moeda e outros valores.

Era então presidente do banco o abastado capitalista José Lourenço da Luz que, durante as derrocadas que se succediam a cada instante com horrivel fracasso, fez remover toda a mobilia (á excepção da mesa das sessões da vereação para o adro e sacristia da igreja de S. Julião, e — devemos confessar — parece que a providencia quiz n'este enorme desastre proteger o Banco e os milhares de familias que ficariam na miseria, porque devorando elle, o horrido monstro, com as suas fauces incendidas, a grande massa de edificios do enorme quadrilongo, quiz todavia poupar o primeiro andar do banco, onde se achava a thesouraria, que pouco soffreu, continuando portanto a effectuarem-se ali as operações bancarias e as reuniões da direcção até 1870.

Poucos dias depois do fatal sinistro — em 1 de dezembro, se não nos falta a memoria — reuniu-se assemblea geral á qual presidiu o sr. Simões Margiochi, decidindo-se, depois de alguma discussão, que se adquirisse para o banco uma casa que fosse exclusivamente sua e livre de inquilinos.

Tambem foi deliberado que se celebrasse na igreja de S. Julião, em acção de graças, um solemne *Te Deum Laudamus* por terem escapado á acção do fogo todos os valores do banco, solemnidade que effectivamente se realisou no dia 8, com enorme concurso de povo.

*
*
*

Cerca de quatro annos e meio depois do que acabamos de narrar, foi a direcção do banco de Portugal auctorizada a adquirir dois grandes predios, um que do lado O-N fazia quina para a rua Aurea e outro com frente para a mesma rua.

Essa auctorisação, que lhe havia sido dada em sessão de 26 de junho de 1868 foi desde logo satisfeita pela zelosa direcção, á testa da qual ainda se encontrava o diligente accionista José Lourenço da Luz.

Os predios foram comprados por escriptura publica de 11 de setembro ao sr. Reis e Vasconcellos por 66:034\$90 reis. As referidas propriedades, reparações que n'ellas se fizeram para as apropriar ao fim a que ellas se destinavam, mobilia e diversos utensilios para as guarnecer, importaram ao banco — segundo os relatórios — na importante somma de 114:637\$634 reis.

Em 21 de março de 1870 começou a effectuar-se a mudança ficando concluida em o domingo, 27.

Na segunda feira, 28, o Banco de Portugal abriu as portas da sua nova casa, começando o giro das suas operações n'aquella excellento edificio, já devidamente resguardado por bons guarda-fogos dos predios que com elle confinam, inteiramente livre de inquilinos, e com vastas accommodações para funcionar, e optimas garantias de estabilidade e segurança.

O edificio actual em nada se parece com o palacio devorado pelo incendio de 1863. Forma como acabámos de dizer, todo o segundo quarteirão oeste, lado sul da rua Aurea, tornejando para as ruas dos Capellistas e S. Julião.

A sua configuração e altura são exactamente as mesmas de todos os outros quarteirões da rua Aurea, distinguindo se todavia d'elles pelo seu irreprehensivel aceto e solidez e por ter ao longo

UMA RECITA EM HONRA DE GERVASIO LOBATO



Augusto de Mello C. M. Ribeiro da Silva C. Moura Cabral
 Lorjô Tavares Agostinho Franco E. Schwalbach Augusto de Mello (actor) Dr. Pedross de Lima Arcenio Antunes Auguste Lobato
 Eça Leal Jayme Viçoso H. Lopes de Mendonça D. João da Câmara Custane Alberto R. Rodolpho Pinheiro D. José da Câmara

GRUPO OFFERECIDO A GERVASIO LOBATO, NA NOITE DA SUA FESTA NO THEATRO DO GYMNASIO (29 DE MAIO DE 1891)

(Photographia de A. Bobone — Gravura de C. Alberto)

da fila de janellas do segundo piso em grandes letras de metal bronzeado o distico: — BANCO DE PORTUGAL. — E' composto de quatro andares, tendo cada andar quatro janellas para a rua dos Capellistas, onze para a rua do Ouro e dez para a rua de S. Julião.

A entrada principal faz-se pelo lado da rua dos Capellistas por um pequeno portão de ferro solidamente gradeado. Para o lado da rua de S. Julião ha outra porta, tambem de ferro, que dá serventia para as trazeiras do edificio.

Ultimamente pouco depois da lei de 29 de julho

como a de 1846, nem tão longa e dolorosa como a de 1876.

O Banco de Portugal tem recursos formidaveis, vastissimos, para poder lutar e resistir a uma crise monetaria tanto ou mais do que o seu hoje competidor, e digno emulo, o Monte Pio Geral, casa sem duvida mais feliz porque não serve de caixa forte ao governo e não lhe faz supprimentos senão... quando muito bem quer e tem na sua livre vontade, o que nem sempre tem acontecido ao Banco de Portugal.

Mas este ainda mesmo por se tornar o banqueiro

nos dominou — e que constituiu o nosso maior perigo — jaz quasi que dominado.

Haja pois muito tino, muita prudencia e muita energia e em breve a bonança succederá a esses dias tormentosos, e de negra memoria, que ultimamente a nação tem atravessado.

Para que o estado economico e financeiro de Portugal se levante e prospere é precisa a cooperação de todos os bons portuguezes, mas tambem é preciso — muito principalmente — o bom tino administrativo dos nossos governantes.

Silva Pereira.



EDIFICIO DO BANCO DE PORTUGAL, EM LISBOA

(Desenho do natural por L. Freire)

de 1887 que reorganizou o Banco de Portugal, o edificio foi ampliado para o lado da rua de S. Julião com o predio n.º 175 a 181 que lhe era confinante, e para a rua Nova d'Elrei com o predio n.º 160 a 164 que confina com o banco de Lisboa & Açores. Essas novas propriedades compradas á viuva do dr. Augusto Zepherino Rodrigues custaram ao banco a somma de 61:416:548 réis.

Fechamos este artigo que já vae mais extenso do que ao principio suppunhamos, desejando as maiores prosperidades a este utilissimo estabelecimento de credito nacional, que está passando por mais uma nova crise, e que tem todos os fundamentos para esperarmos não seja tão funesta

do Estado é que mais pôde resistir. Morto elle a nação morrerá tambem. Não havendo precipitação, estabelecendo-se medidas sabias, previdentes e bem dirigidas, tanto por parte da direcção como do governo — devendo uma d'ellas, a nosso ver, ser a substituição imediata das notas de grande padrão pelas de 1:000 e 2:000 reis afim de facilitar os trocos — havendo a indispensavel serenidade, a devida prudencia e cautela que nunca nos devem desamparar nos grandes perigos para os conjurar, o banco de Portugal voltará brevemente ao seu estado normal.

Um dos males que ia minando o nosso credito interno — a negregada questão com a Inglaterra — acha-se sanado. O cambio de papel entre o Brazil e a praça de Londres com tendencias para a alta e finalmente o panico, que por momentos

PAGINAS SOLTAS

IMPRESSÕES A LAPIS

Leitosa e em ouro a manhã cantava epithalamios, fresca e simples, enchendo a paysagem de fremitos, espiritualisante e vaga. Pouco a pouco um tom de carne nimbou o nascente; as aves levantaram-se aturdidas, as ameixoeiras abanavam ao vento matutino. Vespéral e pallida uma estrella morria, e um crescente tusco de lua, pallido tambem do relento e das balladas dos poetas, abria em prata no grande pavilhão somnambulo do ar... Eu scismava na que me ficara longe. O comboio corria; as arvores dansavam.

cidade é sempre mais fácil encontrar onde arrumar o rapaz.

— Prefiro tel-o debaixo das vistas... Pode de um momento para o outro apparecer quem o reclame, e eu desejo que quem o fizer tenha o testemunho de quantos sacrificios, eu e a minha Genoveva, fomos capazes, para que elle chegasse a esta idade com vida e gozando uma saúde de ferro. Elle ahí está que não me deixará mentir... As nossas melhores roupas têm sido gastas com elle, assim como tambem da nossa mesa são sempre para elle os melhores boccados.

— Deus ha de ajudal-o, volveu o abbade. A acção é devéras meritoria... Emilio encontrou em si e em sua mulher, não dois paes adoptivos, indifferentes e mercenarios, mas dois verdadeiros e carinhosos paes. Elle ha de reconhecê-lo um dia e delingenciar recompensal-os.

— Ora adeus sr abbade, nós não esperamos cousa nenhuma, tudo que temos feito é para purificação das nossas almas... A minha Genoveva é que já está cançada das suas travessuras, porque o rapaz é mau como os diabos.

— Rapazes são todos o mesmo.

— Uns peiores que outros, sr. abbade... e aquelle parece que é da peor raça... Se continuar por ahí a andar á vontade e a fazer tudo que lhe vier á cabeça, eu sei lá, é até capaz de praticar alguma asneira.

— Que asneira?

— Se não tomar emenda e corrigir os instinctos que lhe advinho, é capaz até de dar em ladrão ou matador.

— Oh! creatura de Deus, você está a pintar o rapaz com umas cores assustadoras... O Emilio que parece tão humilde, tão acanhado... Ora isso seu Pedro Miguel é por força exagero da sua parte... Traga m'o cá amanhã e veremos o que se resolve.

Ao outro dia Pedro Miguel levou Emilio a casa do abbade e ficou combinado que o rapaz entraria como criado ao serviço d'este, no cargo de guardador de gado.

Mal rompia a manhã Emilio partia com o rebanho para os lados de Pedrogão ou de Villa Ruiva, levando n'um pequeno alforge o alimento para todo o dia.

Quando caía o crepusculo reunia o gado e elle ahí voltava para Baleizão. A porta do curral encontrava o abbade que vinha contar se as cabeças do seu rebanho estavam todas.

Emilio recolhia então o gado, ia ceiar e dirigia-se depois ao gabinete do sr. abbade onde este passava uma hora com elle, durante os dias da semana, ensinando-lhe a ler e explicando-lhe algumas passagens do evangelho.

Emilio julgava-se agora mais feliz.

O hom do abbade nunca tinha para elle uma palavra de censura.

A alimentação era boa e farta, e até a cama era excellente e com bellos lençoes de linho novos em folha, o que os tornava um pouco asperos, é verdade, mas muito mais preferivel do que dormir como em casa de seus paes adoptivos onde só tinha uma manta de lã aspera em cima da pelle.

O abbade notara que ao contrario do que dissera Pedro Miguel, Emilio era humilde, sosegado prompto sempre a cumprir tudo que lhe ordenavam.

O que elle tinha agora era mais alegria á medida que as profundas olheiras se desvaneciam e as faces se lhe iam collorindo.

No estudo eram sobremaneira visiveis os seus progressos. Em tres mezes Emilio lia desembarcadamente.

O hom do abbade dizia muitas vezes consigo:

— Vá lá a gente dar credito ao que se diz... Parece-me que se alguém tinha direito a queixar-se era Emilio e não Pedro Miguel... Ora elle que não o faz é porque sempre os seus sentimentos são melhores.

(Continúa)

Julio Rocha.



REVISTA POLITICA

São tantas as novidades da politica n'estes ultimos dias que não sabemos por onde principiar, para que não se pense que temos preferencias por uma ou por outra que seja melhor ou seja peor, segundo os paladares de cada um.

Uma d'essas novidades, está para ahí promovendo grandes amargos de bocca a muitos, enquanto outros a saboreiam como coisa boa ha muito encommendada e esperada pela opinião publica.

E é sempre assim o mundo; bom para uns mau para outros.

Mas, como iamoz dizendo, essa novidade é o projecto da lei de meios, apresentado ao parlamento pelo sr. Marianno de Carvalho, com os seus dois artigos e trinta e tres paragraphos que a mesma lei contém.

E é tanto novidade por ser uma lei com artigos



CONSELHEIRO ANTONIO ENNES

Commissario Regio na provincia de Moçambique para a delimitação das nossas fronteiras segundo o tratado anglo-portuguez

de menos e paragraphos de mais, como por conter auctorisações que estão custando a roer a quem tem muito hom dente.

Os paragraphos 26 e 27, por exemplo, são uns dos taes que mais custam a roer aos que mais afiados tem os dentes. Estes paragraphos determinam que em caso nenhum qualquer funcionario do estado por mais empregos, commissões ou outros quaesquer serviços extraordinarios que acumule, poderá receber do thesouro publico mais de 2:600:000 annuaes. O paragrapho seguinte determina que nenhum emprego que vague poderá ser preenchido por individuos extranhos aos quadros dos serviços publicos, enquanto houverem empregados addidos na classe em que se der a vacatura, etc.

O paragrapho 24 determina que a partir de 1 de julho proximo, cessem todos os abonos para publicações litterarias, artisticas ou scientificas, tanto no que respeita á impressão das mesmas como á remuneração dos seus auctores, etc.

E assim por diante, em todos os mais paragraphos, no sentido de cortar despesas e abuzos sobre tudo, porque essas despesas são em geral, resultado de abuzos sem o mais leve proveito para os serviços publicos.

Isto na parte que diz respeito ás despesas; quanto ás receitas tambem tem em vista o seu augmento, apresentando entre outras medidas os monopolios dos phosphoros e dos alcools, tendo sido ainda addicionado na commissão o monopolio das loterias ou exploração das mesmas por conta do estado.

Nas actuaes circumstancias, todas as medidas contidas na lei de meios, tem sido bem recebidas pelo publico, porque emfim tendem a equilibrar o orçamento e a extinguir o deficit, mas do projecto á pratica é que são ellas.

A imprensa tem, em geral apoiado o projecto, mas alguns jornaes, em especial, tem procurado desvirtuar as intenções do mesmo projecto e sem terem coragem para o combater abertamente no que toca aos funcionarios do estado, suas provisões e vencimentos, insinuam que as economias são só para os pequenos e que os grandes continuarão a gozar todas as prebendas.

Nós não queremos teimas, mas apraz-nos deitar ingenuidade d'esta vez a vêr se algum rufião nos

engana, e ninguem poderia levar a mal se deitassemos attitudede desconfiada, porque a verdade é que se tem promettido tantas vezes economias e moralidade na publica administração, que se essas promessas se convertessem em realidade teriamos ha muito a mesma administração um priuor.

Aguardemos pois os factos que não se farão esperar muito, porque a necessidade de converter em lei o projecto apresentado pelo sr. ministro da fazenda, é imperiosa, instante, sob pena de quanto mais tarde essa lei vigorar mais rigorosa terá de ser, maiores sacrificios exigirá, porque não se pode perder um momento em equilibrar as finanças, em moralisar a administração, em defender a nossa independencia.

E esta é a mais ameaçada, a que mais periga se não pararmos no desfiladeiro em que a administração e a moralidade tem ido correndo ha quasi meio seculo.

Outra novidade é um projecto provisório sobre a emigração, elaborado pelo sr. ministro do reino e brilhantemente justificado no relatório com que o precede.

Este projecto tem por fim dificultar a emigração, cohibindo os abusos que se estão dando com os passaportes e exigindo aos agentes de emigração responsabilidades e garantias que até aqui não tinham.

Determina que os emolumentos que se cobravam pelos passaportes entrem nos cofres da receita eventual. O que exceder de 12:000:000 d'esta receita assim como o producto das multas impostas por infracção da mesma lei, será destinado a subsidiar Juas bolsas de trabalho em Lisboa e no Porto, auxiliar associações de soccorros mutuos e outros melhoramentos das classes trabalhadoras etc.

Temos ainda um projecto apresentado nas camaras pelo sr. Ferreira de Almeida, para o governo ser auctorizado a alienar as possessões portuguezas da Africa Oriental, da India e Macau, revertendo o producto d'esta alienação em proveito das colonias restantes e sendo parte destinada para amortisação da divida publica, e desenvolvimento dos melhoramentos materiaes do paiz etc.

Não é a primeira vez que no parlamento se levanta esta questão, e quando ha annos um deputado apresentou um alvitte semelhante, ia sendo apedrejado como anti-patriota.

Esse deputado foi o dr. Barboza Leão que Deus haja, e ninguem poderia pôr em duvida o patriotismo d'este portuguez de lei.

Hoje o projecto do sr. Ferreira de Almeida não fez uma impressão tão desagradavel como o do dr. Barboza Leão, no que bem se prova ser a experiencia a grande mestra da vida.

Os inglezes lá estão á espreita para levar o resto ou por dinheiro ou de graça, apesar de todos os tratados assignados.

Ficmo-nos nos tratados e veremos o tombo que levamos.

João Verdades.

Adolpho, Modesto & C.ª — Rua Nova do Loureiro, 25 & 44.